

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE ARTES VISUAIS**

**RADIGIA DE SOUZA BOZADA**

**EU NÃO ME SINTO EM CASA**

**Uberlândia  
2025**

RADIGIA DE SOUZA BOZADA

EU NÃO ME SINTO EM CASA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Andrea Soto Osses.

Uberlândia  
2025

RADIGIA DE SOUZA BOZADA

EU NÃO ME SINTO EM CASA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais.

Uberlândia, 22 de setembro de 2025.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Andrea Soto Osses  
Universidade Federal de Uberlândia

---

Prof. Dr. Paulo Mattos Angerami  
Universidade Federal de Uberlândia

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tamiris Vaz  
Universidade Federal de Uberlândia

Uberlândia  
2025

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, José Carlos e Eva, por todo apoio durante a graduação, pelas idas à rodoviária, as videochamadas, o carinho e, sobretudo, por acreditarem em mim. Às minhas irmãs, que me ajudaram em diversos momentos durante esse percurso.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Andrea Soto Osses, pela escuta atenta, pelo apoio e contribuições que tornaram este trabalho possível. Além de tornar a experiência do Trabalho de Conclusão de Curso muito mais leve e prazerosa.

Ao meu companheiro, Gabriel, que acompanhou de perto cada passo desse processo de formação. Obrigada por todo apoio, incentivo e admiração pelo meu trabalho. Pela ajuda na montagem da exposição e por cuidar dela para mim enquanto eu não podia estar presente.

Aos meus amigos do curso, por todas as trocas e momentos que me fizeram sentir um pouco mais em casa. Especialmente à Des, Anny, Giovanna, Lendra e Dante, pela ajuda na desmontagem da exposição e ao Dante, pelo empréstimo do projetor.

À Universidade Federal de Uberlândia, instituição pública e gratuita, pela oportunidade de formação que me proporcionou nestes anos de graduação. A todos os meus professores e colegas do curso de Artes Visuais, que contribuíram para a minha trajetória acadêmica e a tornaram uma experiência única.

Muito obrigada.



*Cada casa nasce, primeiramente, através de um ato de escolha, uma série de gestos com os quais selecionamos um conjunto variado e relativamente incompatível de objetos, pessoas e paredes que transformamos em um lugar privilegiado: o nosso mundo.*

*- Emanuelle Coccia*

## RESUMO

Este trabalho visa aprofundar-se no processo artístico da instalação *Eu não me sinto em casa*, que retrata a vivência pessoal de deslocamento entre dois espaços significativos: a casa dos meus pais e meu apartamento. A pesquisa investiga o deslocamento e o não pertencimento por meio de registros fotográficos e videográficos, que se desdobram na criação de um fotolivro, uma série fotográfica e uma videoinstalação. A construção deste trabalho envolveu a contextualização dos espaços retratados, a revisitação da minha trajetória ao longo da graduação em Artes Visuais e os diálogos com obras de arte contemporânea.

**Palavras-chave:** Casa; Lar; Fotografia; Instalação; Artes Visuais; Pertencimento;

## **ABSTRACT**

This work aims to delve deeper into the artistic process of the installation "I Don't Feel at Home," which portrays the personal experience of displacement between two significant spaces: my parents' house and my apartment. The research investigates displacement and non-belonging through photographic and videographic records, which unfold in the creation of a photobook, a photographic series, and a video installation. The construction of this work involved contextualizing the spaces depicted, revisiting my trajectory throughout my undergraduate studies in Visual Arts, and engaging with contemporary works of art.

**Keywords:** House; Home; Photography; Installation; Visual Arts; Belonging;

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cartaz do curta-metragem "O Nosso Pai". São Paulo: Vitrine Filmes, 2022.	16
Figura 2 - Marcelo Gomes e Karim Aïnouz, Viajo porque preciso, volto porque te amo. Livro fotográfico. Editora Sesc. São Paulo, 2015.	17
Figura 3 - Chris Marker, La Jetée. Capa do filme. 1962.	18
Figura 4 - Ilana Bar, Transparências de lar. Série fotográfica. 2012.	18
Figura 5 - Bogdan Gîrbovan, 10/1. Série fotográfica. 2008.	19
Figura 6 - Bogdan Gîrbovan, 10/1. Série fotográfica. 2008.	20
Figura 7 - Bogdan Gîrbovan, 10/1. Série fotográfica. 2008.	20
Figura 8 - Leticia Lampert, Manual Prático de Arquitetura. Livro de artista. 2012.	21
Figura 9 - Brígida Baltar, Torre. Impressão fotográfica. 1996.	22
Figura 10 - Radigia Souza. Eu não me sinto em casa quando passo meu café pela manhã, e ele não tem o mesmo gosto do que o que meu pai fazia. Uberlândia - MG, 2024.	25
Figura 11 - Radigia Souza. Eu não me sinto em casa quando não tenho todas as minhas roupas no mesmo lugar. Uberlândia - MG, 2024.	25
Figura 12 - Radigia Souza. Móveis. Uberlândia - MG, 2025.	27
Figura 13 - Radigia Souza. Móveis. Uberlândia - MG, 2025.	28
Figura 14 - Radigia Souza. Móveis. Uberlândia - MG, 2025.	28
Figura 15 - Radigia Souza. Móveis. Uberlândia - MG, 2025.	29
Figura 16 - Radigia Souza. Móveis. Uberlândia - MG, 2025.	29
Figura 17 - Radigia Souza. Móveis. Uberlândia - MG, 2025.	30
Figura 18 - Radigia Souza. Móveis. Uberlândia - MG, 2025.	30
Figura 19 - Radigia Souza. Móveis. Uberlândia - MG, 2025.	31
Figura 20 - Radigia Souza. Móveis. Uberlândia - MG, 2025.	31
Figura 21 - Radigia Souza. Móveis. Uberlândia - MG, 2025.	32
Figura 15 - Radigia Souza. O balanço. Santa Bárbara D'Oeste - SP, 2025.	33
Figura 16 - Radigia Souza. A janela. Santa Bárbara D'Oeste - SP, 2025.	34
Figura 17 - Radigia Souza. O varal. Santa Bárbara D'Oeste - SP, 2025.	34
Figura 18 - Teste de impressão 1.	35

Figura 19 - Teste de impressão 2.	36
Figura 20 - Rascunho de planejamento da exposição.	37
Figura 21 - Radigia Souza. Flyer exposição “Eu não me sinto em casa”, fotografia e arte digital. Uberlândia, 2025.	40
Figura 22 - Exposição “Eu não me sinto em casa” no Laboratório Galeria. Fonte: Arquivo pessoal.	41
Figura 23 - Exposição “Eu não me sinto em casa” no Laboratório Galeria. Fonte: Arquivo pessoal.	41
Figura 24 - Exposição “Eu não me sinto em casa” no Laboratório Galeria. Fonte: Arquivo pessoal.	42
Figura 25 - Exposição “Eu não me sinto em casa” no Laboratório Galeria. Fonte: Arquivo pessoal.	43
Figura 26 - Exposição “Eu não me sinto em casa” no Laboratório Galeria. Fonte: Arquivo pessoal.	43
Figura 27 - Exposição “Eu não me sinto em casa” no Laboratório Galeria. Fonte: Arquivo pessoal.	43

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 - LAR</b>	<b>12</b>
1.1 A CASA DOS MEUS PAIS	12
1.2 APARTAMENTO 202	13
<b>CAPÍTULO 2 - DIÁLOGOS</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 3 - EU NÃO ME SINTO EM CASA</b>	<b>21</b>
3.1 TRAJETÓRIA	21
3.2 FOTOLIVRO	22
3.3 SÉRIE FOTOGRÁFICA: MÓVEIS	24
3.4 VIDEOINSTALAÇÃO: RASTROS	31
<b>CAPÍTULO 4 - EXPOSIÇÃO E EXPOGRAFIA</b>	<b>35</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>44</b>
<b>ANEXO</b>	<b>45</b>

## INTRODUÇÃO

Enquanto "casa" refere-se à estrutura física de uma moradia, "lar" evoca um espaço de segurança, afeto e pertencimento. Deixei a casa dos meus pais no interior de São Paulo, na cidade de Santa Bárbara d'Oeste aos 19 anos para estudar Artes Visuais em Uberlândia (MG). Para mim, a mudança de um local para outro provoca a sensação de não pertencimento, mas o que, afinal, constitui esse sentimento? Neste trabalho busco explorar a minha experiência pessoal de deslocamento e o seu impacto em minhas produções artísticas. Para isso fez-se necessário a contextualização dos dois espaços, a recapitulação da minha trajetória na Graduação de Artes Visuais, a busca por diálogos com obras de arte contemporâneas e o desenvolvimento do meu processo de criação.

Inicialmente desenvolvido no apartamento em que resido atualmente, fora da minha cidade de origem, apresenta uma série de fotografias que retratam objetos cotidianos de diferentes cômodos e funções, em um fotolivro denominado *Eu não me sinto em casa*. As fotografias são apresentadas junto a escritas pessoais, que remetem às minhas vivências do presente e do passado. Em um segundo momento, retrato as mudanças que meu quarto nesse apartamento sofreu durante os anos em que o habitei, o que dá origem a série fotográfica *Móveis* que apresenta a sua construção. Paralelamente, a produção se desdobra para a casa dos meus pais, onde registro, através de videoarte, objetos familiares e suas ausências, e os transformo em uma videoinstalação intitulada *Rastros*.

Por fim, essas produções foram reunidas na exposição *Eu não me sinto em casa*, que busca provocar reflexões sobre o não pertencimento, o deslocamento e a casa, a partir de minha vivência pessoal. A videoinstalação se estabelece como paredes: um lugar por onde passei para chegar ao quarto do apartamento, materializado na exposição com os mesmos móveis e objetos. Ali pode-se sentar, ver a mudança acontecer pelas telas e pelo fotolivro sobre a mesa. A transformação da galeria, nesse percurso, em um espaço do quarto, pode então concretizar as ideias aqui apresentadas.

## **CAPÍTULO 1 - LAR**

Antes de abordar a produção do trabalho, é preciso contextualizar alguns aspectos importantes para a sua constituição. Para isso, apresento os dois ambientes retratados: a casa dos meus pais e o apartamento 202.

### **1.1 A CASA DOS MEUS PAIS**

Permeada por tons terrosos, paredes chapiscadas e piso cinza. Quando penso na casa dos meus pais, penso primeiro naqueles que a habitavam comigo, pai, mãe e duas irmãs. Me lembro da rotina do dia-a-dia, do se arrumar para ir à escola, das refeições em família, dos sons das portas, dos sons dos vizinhos, das tarefas diárias que a mantinha sempre limpa, mas, principalmente, das brincadeiras da infância. “É justamente porque as lembranças das antigas moradias são revividas como devaneios que as moradias do passado são em nós imperecíveis.” (Bachelard, 1993).

Desde meu nascimento morei naquela casa, grande o suficiente para brincar, correr, pular e até mesmo para criar outra casa dentro dela: a casinha, que eu e minha irmã construíamos. Colocávamos um lençol no varal, nosso mini fogão no chão e, enquanto isso, minha mãe enchia as panelinhas com grãos de arroz. Para Pereira e Nunes (1989), a casa, o corpo e o eu, formam uma trindade que se manifesta como um todo nas “brincadeiras de casinha”. Naquele espaço, era possível experimentar, construir narrativas, se expressar, mas, ao mesmo tempo, reproduzir papéis de gênero.

Durante a adolescência, no entanto, comecei a desconstruir esses papéis. Se, na infância, a brincadeira parecia apenas um reflexo do que via ao meu redor, na juventude passei a perceber como algumas dessas expectativas não se encaixavam em mim. A casa, anteriormente considerada um refúgio seguro, passou a ser um espaço de estranhamento e questionamento. Motivada por um contexto familiar conflitual, pela necessidade de autonomização e pelo ingresso no ensino superior, me mudei para Uberlândia (MG).

A cada viagem de volta para a casa dos meus pais, eu me sinto mais como uma visita. Como alguém que aparece na nossa casa para colocar a conversa em dia, tomar um chá da tarde e, depois, vai embora. Quando criança, dividia o quarto com minhas irmãs, o que determinava uma decoração neutra. Quando minha irmã mais velha se mudou, continuei compartilhando o espaço até que “me mudei” para um quarto menor, em busca de ter meu próprio canto na casa. Esse espaço me permitiu preencher as paredes com o que eu quisesse.



Mais tarde, quando minha segunda irmã também se mudou e eu já morava em Uberlândia, herdei o quarto maior só para mim: um quarto completamente em branco. Hoje, ele continua lá, com pouca decoração e alguns poucos objetos também. Tem agora um cheiro muito específico de ambiente fechado e inabitado, uma cama sem lençóis e um guarda-roupa quase vazio, como um quarto de visitas.

## 1.2 APARTAMENTO 202

Eu nunca tinha morado em um apartamento, muito menos em uma cidade tão grande como Uberlândia (MG), e nem mesmo com pessoas que eu não conhecia. Me mudei apenas com algumas fotos do lugar onde eu iria ter meu quarto, um banheiro e as áreas comuns, para me manter durante os estudos. Quando meus pais fecharam a porta do carro, me vi completamente sozinha pela primeira vez. O que eu faço agora? Como pertencer a um lugar que mal conhecia?

Com o tempo, fui comprando coisas novas, uma sapateira, prateleiras, ganchos de paredes, tudo que pudesse me ajudar a gerir o pouco espaço que tinha. Colei artes nas paredes, que agora se amontoam no chão. Brinquei com os móveis, os mudando de lugar a cada poucos meses. Nesse processo, trouxe para o meu quarto uma planta que ganhei de presente da minha mãe, uma espada-de-são-jorge, fielmente representada em diversas produções artísticas minhas. Aos poucos entendi o meu espaço aqui, quais eram as minhas prateleiras na dispensa, minha parte da geladeira, onde ficavam os utensílios.

Passei a entender também sobre o espaço de tempo: quando deveria fazer compras no mercado, quando fazer a limpeza dos cômodos, quando me programar para pagar as contas. Nesse processo, percebi que algumas dessas tarefas funcionavam como não-lugares.<sup>1</sup> Como nos mercados atacadistas, por exemplo, que possuem a mesma configuração de prateleiras, pé-direito elevado, dinâmica de compra, e assim dentro desse espaço poderia estar em um mercado semelhante ao que existe na minha cidade de origem. Aprender a me permitir habitar verdadeiramente esse novo lugar, foi o mais difícil do mudar. Me sentir à vontade, como alguém que agora mora aqui, que está aqui, é um processo que não concluí ainda.

---

<sup>1</sup> Marc Augé define *não-lugares* como espaços impessoais e sem identidade, como aeroportos e shoppings, que não geram vínculo afetivo. Augé, Marc. *Não-lugares: Espaços do Mundo Moderno*. São Paulo: Papirus, 1994.

“Trinta casas são sobretudo trinta espaços de formas e dimensões diversas que disseram "eu" em meu lugar. Nenhuma dessas casas conseguiu encontrar o timbre certo: nunca consegui escutar nelas a minha voz. Cada uma delas foi, por alguns meses ou alguns anos, a minha casa, mas em nenhuma delas pensei de forma definitiva: estou em casa.” - (Coccia, 2024, p. 28).

E talvez, assim como Coccia, nunca conclua no apartamento 202 ou em qualquer outra moradia. O autor afirma: “A mudança revela isso: não há casas, há apenas o fazer casa.” (Coccia, 2024, p. 33). Fazer de um determinado espaço um lar é uma tarefa realmente complexa, que consiste não só em configurar um conjunto de móveis e objetos no ambiente, mas na tentativa de encontrar sua voz nele.

## CAPÍTULO 2 - DIÁLOGOS

Neste capítulo, apresentarei as principais obras que dialogam com esta pesquisa, visando construir o referencial teórico necessário. A seleção dessas obras busca explorar diferentes perspectivas sobre o tema, por meio de múltiplas linguagens. Além disso, procuro estabelecer conexões entre essas abordagens, analisando como cada uma delas se conectam com a proposta deste trabalho.

Anna Muylaert (1964, São Paulo, SP, Brasil) é uma renomada diretora, produtora e roteirista de cinema, conhecida por seu trabalho em filmes nacionalmente aclamados e premiados. Entre eles, o curta-metragem *O Nosso Pai* (2022), no qual Anna explora questões familiares e sociais durante a pandemia da COVID-19 no Brasil. A narrativa acompanha a convivência de três irmãs, filhas de mães diferentes, que decidem morar juntas durante o período de isolamento.

É evidente a valorização da cultura e estética brasileira presentes na fotografia da obra, que se desenrola majoritariamente dentro de uma casa. A *mise-en-scène*<sup>2</sup> reforça a intimidade e a tensão das relações familiares, com a câmera posicionada de forma estática em um plano fixo. Permitindo, assim, que os espaços da residência se tornem parte ativa da narrativa.

Para a realização da produção artística do presente trabalho, tanto na captação fotográfica quanto audiovisual, busquei inspiração em elementos da linguagem cinematográfica utilizada por Muylaert, como a composição das cenas, o uso de filtros de cores e o posicionamento da câmera. Que contribuíram não apenas para a narrativa, mas também reforçam a simbologia da casa como um espaço de afeto enquanto, ao mesmo tempo, transmitem a sensação de vazio pela ausência, evidenciada nos enquadramentos estáticos que congelam o ambiente.

---

<sup>2</sup> Termo de origem francesa que se refere à composição visual de uma cena, incluindo a disposição dos elementos no quadro, a movimentação dos atores, a iluminação e os cenários (Bordwell; Thompson, 2013).



Figura 1 - Cartaz do curta-metragem "O Nosso Pai". São Paulo: Vitrine Filmes, 2022.

Ainda no cinema brasileiro, Marcelo Gomes (1963, Recife, PE, Brasil) e Karim Ainouz (1966, Fortaleza, CE, Brasil) dirigiram e roteirizaram o longa-metragem *Viajo porque preciso, volto porque te amo* (2009), que posteriormente deu origem ao livro de mesmo nome. O longa, um *road movie*<sup>3</sup>, acompanha a jornada de um geólogo em pesquisa de campo pelo nordeste do Brasil, onde estuda a viabilidade da construção de um canal de irrigação. Ao longo dessa viagem, ele também tenta lidar com o fim recente de um relacionamento, tornando a estrada não apenas um percurso físico, mas também um trajeto emocional.

O filme apresenta múltiplos cenários, mas principalmente o movimento entre eles, captado muitas vezes de forma manual e sem estabilizador. O deslocamento do personagem principal pelas estradas se assemelha às minhas viagens para a casa dos meus pais, onde a paisagem não chega a se formar por conta da velocidade, o trânsito dos carros é intenso, e diversas histórias cruzam o caminho. Essas cenas em movimento, por sua vez, se contrapõem às imagens estáticas presentes no filme, que interrompem o fluxo da viagem e criam momentos de pausa e contemplação.

Esse contraste entre deslocamento e imobilidade reforça a sensação de transitoriedade e memória, um aspecto que também permeia meu trabalho ao registrar a casa como um espaço que oscila entre a presença e a ausência. A obra, realizada tanto no formato de longa-metragem quanto no de livro, me incentivou a migrar da fotografia para a linguagem audiovisual no segundo momento da produção artística, a fim de captar essas nuances dos rastros de habitação do espaço.

---

<sup>3</sup> Em sua tradução para o português significa “filme de estrada”, gênero cinematográfico que se caracteriza por uma viagem, física e/ou simbólica, de um personagem principal.



Figura 2 - Marcelo Gomes e Karim Aïnouz, *Viagem porque preciso, volto porque te amo*. Livro fotográfico. Editora Sesc. São Paulo, 2015.

Assim como no média-metragem *La Jetée* (1962), dirigido por Chris Marker (1921, Neuilly-sur-Seine, França). Trata-se de uma ficção científica que narra a história de um homem utilizado em experimentos de viagem no tempo após uma guerra nuclear devastadora. Durante esse processo, ele tenta reconstruir suas memórias fragmentadas, guiado pela imagem recorrente de uma mulher e um momento traumático de sua infância. O filme é construído por meio da técnica do *photo-roman*<sup>4</sup>, uma narrativa visual composta por uma sequência de fotografias fixas em preto e branco, acompanhadas por narração em off e efeitos sonoros pontuais. Ao longo de todo o curta, há apenas um único instante de movimento: quando a mulher abre os olhos, fitando diretamente a câmera e os espectadores, criando um momento de impacto que ressalta o contraste, novamente, entre o estático e o móvel.

---

<sup>4</sup> *Photo-roman* (ou foto-romance) é uma forma narrativa que surgiu na Europa do pós-guerra, usando fotografias fixas em sequência para contar histórias.

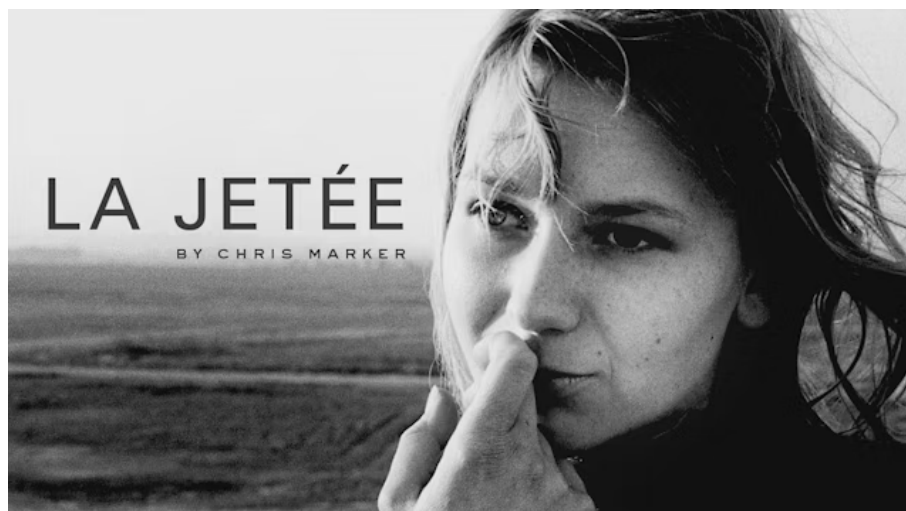


Figura 3 - Chris Marker, *La Jetée*. Capa do filme. 1962.

Partindo para os diálogos com a fotografia, a artista visual brasileira Ilana Bar (1988, Atibaia, SP, Brasil) em sua série fotográfica *Transparências de lar* (2012), retrata o cotidiano da sua família com foco no ambiente doméstico. A escritora Laura Erber em sua análise para a Revista de fotografia *Zum* descreve esse trabalho como: “Uma situação visual no limiar entre o pertencimento e a visitação, entre a densidade misteriosa de um torpor cotidiano e o fulgor de pequenos instantes de prazer.” Essa tensão entre pertencer e apenas transitar também se manifesta neste trabalho, no qual não reconheço nem a casa dos meus pais, nem meu próprio apartamento como moradias fixas, mas sim como espaços de visitação com tempo determinado.



Figura 4 - Ilana Bar, *Transparências de lar*. Série fotográfica. 2012.

Continuando o diálogo entre fotografia e lar, o artista Bogdan Gîrbovan (1981, Bucareste, Romênia) explora essa temática em seus trabalhos. Na série *10/1* (2008), ele fotografou dez apartamentos com plantas idênticas de um prédio na zona leste de Bucareste, onde residia. As fotos revelam a singularidade de cada morador através da decoração, da configuração e da função do espaço, que transformam os ambientes em lugares completamente distintos. Gîrbovan nos faz refletir sobre a individualidade e a padronização, além das desigualdades sociais presentes na mesma estrutura física. Durante todo o período em que resido no apartamento 202, configurei de diversas formas o mesmo quarto. Assim como na série *10/1*, percebo a casa como reflexo da minha própria identidade.



Figura 5 - Bogdan Gîrbovan, *10/1*. Série fotográfica. 2008.





Figura 6 - Bogdan Gîrbovan, 10/1. S erie fotografica. 2008.



Figura 7 - Bogdan Gîrbovan, 10/1. S erie fotografica. 2008.



Letícia Lampert (1978, Porto Alegre - RS, Brasil), em seu *Manual Prático de Arquitetura* (2012), também utiliza a fotografia para explorar a temática da casa, a partir das variações de fachadas presentes nas residências, através da abordagem tipológica. A obra consiste em um livro de artista, no qual cada página apresenta um recorte que conecta a imagem atual à imagem da página seguinte, formando uma colagem de fachadas distintas a cada virada de página. Lampert, assim como Gírbovan, reflete sobre a individualidade versus a padronização: embora as fachadas compartilhem uma estrutura e estética comuns, cada uma delas se torna única devido às particularidades de seus moradores.



Figura 8 - Letícia Lampert, *Manual Prático de Arquitetura*. Livro de artista. 2012.

Por fim, Brígida Baltar (1959, Rio de Janeiro - RJ, Brasil), transitou por diversas linguagens, como o vídeo, a performance, a instalação, o desenho e a escultura, explorando temas relacionados ao corpo, à casa, à memória e aos elementos naturais. A artista iniciou sua produção artística na década de 1990, realizando em sua casa-ateliê, em Botafogo, coletas de elementos do cotidiano doméstico, como água da chuva e poeira de tijolos, transformando-os em matéria artística. Em sua obra *Torre* (1996), realizou uma ação removendo tijolos das paredes de sua casa e os empilhou no chão, formando uma torre. A fotografia capta esse processo em momentos distintos, revelando a transformação do espaço e a presença performativa da artista. Em um movimento de desconstrução e construção, assim como a artista, intervenho fisicamente no espaço em uma tentativa de reconstrução de mim mesma.



Figura 9 - Brígida Baltar, *Torre*. Impressão fotográfica. 1996.

Neste capítulo, explorei uma série de obras de diferentes linguagens que dialogam diretamente com os conceitos centrais desta pesquisa, especialmente a relação entre o cinema, a fotografia, a casa e a identidade. As obras de Anna Muylaert, Marcelo Gomes e Karim Ainouz, Chris Marker, Ilana Bar, Bogdan Gîrbovan, Leticia Lampert e Brígida Baltar oferecem diferentes abordagens para compreender o lar, o movimento e o estático. Essas produções não apenas enriquecem o referencial teórico desta pesquisa, mas também fundamentam a reflexão proposta e contribuem para a construção de um olhar sensível para as vivências que retrato nas produções artísticas deste trabalho.

## CAPÍTULO 3 - EU NÃO ME SINTO EM CASA

### 3.1 TRAJETÓRIA

Meu interesse pela fotografia surgiu a partir de experiências anteriores à Universidade, mas principalmente, das disciplinas de Optativa em Fotografia, Tópicos Especiais em Audiovisual e Ateliê de Fotografia, ministradas pelo Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Paulo Mattos Angerami. Na optativa a proposta era criar um diário fotográfico, registrando, no mínimo, uma imagem por dia de algo que chamasse nossa atenção. Esse exercício evidenciou que, apesar de explorar diversos temas, meu olhar constantemente se voltava para a casa e, em especial, para o quarto. Afinal, é nele que minha rotina se concentra, é onde durmo, me alimento, trabalho, me visto, é meu espaço no mundo.

Algum tempo depois, na disciplina de Tópicos Especiais em Audiovisual: espaço e tempo no cinema, produzi um vídeo curto retratando a despedida de meus pais na rodoviária<sup>5</sup>. O caminho até a plataforma, à espera do ônibus, o aceno deles. Apesar de ser meu primeiro contato com a linguagem, o vídeo se mostrou, pessoalmente, forte. Mais uma vez, percebi a potência desse tema na minha produção artística, o que me levou a aprofundar essa investigação no semestre seguinte, retornando à fotografia.

Durante o ateliê, me propus a fotografar meu apartamento, diferentes cômodos e objetos. O processo começou com a busca por referências visuais, entre elas o filme “O nosso pai” (2022) dirigido por Anna Muylaerte, cineasta conhecida por abordar temas familiares e ambientes domésticos. Em seguida, iniciei a experimentação fotográfica, paralelamente à escrita do projeto de pesquisa para a disciplina. A partir dessas experiências, minha ideia inicial de captar registros dos ambientes, se desdobrou para relatos escritos e, posteriormente, para a criação do fotolivro.

### 3.2 FOTOLIVRO

O fotolivro *Eu não me sinto em casa* reflete sobre minha experiência de deslocamento entre dois ambientes, combinando relatos pessoais e fotografias de objetos do apartamento onde atualmente resido. Inicialmente, foi um desafio encontrar uma forma de unir a escrita e a fotografia sem direcionar a interpretação do público. Em vez da abordagem tradicional, onde

---

<sup>5</sup> Bozada, Radigia. Lar. YouTube, 2023. Disponível em: <https://youtu.be/QY6vF0wgYOY>.

uma imagem é seguida por um texto, optei por uma estrutura que permite ao leitor estabelecer suas próprias conexões. Por isso, os relatos e as imagens foram organizados separadamente.

Ao todo, o fotolivro reúne cinco relatos e cinco fotografias. Os relatos possuem datas e horários que remetem a eventos pessoais da minha vida, mas, principalmente, dias importantes em que não pude estar presente devido à distância. Quase como um diário, eles registram pensamentos e memórias que se relacionam com os dois espaços, a casa dos meus pais e meu apartamento, como momentos da infância, refeições em família, detalhes do lar e, por fim, a mudança.

O processo de criação não seguiu uma ordem linear. Algumas fotografias já existiam antes dos textos, enquanto outras foram captadas com base nos próprios relatos. Esse movimento de mesclar as linguagens tornou o desenvolvimento do projeto dinâmico e prazeroso de ser realizado. Embora o planejamento seja fundamental, é na execução que os desafios e as reflexões realmente se manifestaram.

Para a construção do fotolivro como objeto artístico, a proposta era que fosse totalmente manual. Toda a montagem: capa, miolo, escrita e costura, foi realizada por mim. Para isso, utilizei materiais como papel paraná para a capa e contra-capas, papel vergê 80g para o miolo, papel vegetal para as cantoneiras, linha de algodão para a costura manual copta e grafite para a escrita. A constituição manual do objeto contribui não apenas para sua estética, mas também para seu conceito. (Fotolivro completo no anexo)



Figura 10 - Radigia Souza. Eu não me sinto em casa quando passo meu café pela manhã, e ele não tem o mesmo gosto do que o que meu pai fazia. Uberlândia - MG, 2024.

*21 de abril, 8h34 - Me lembro bem dos cafés da manhã em família, talvez seja essa a minha memória mais presente do que é lar. Meu pai acordava antes de todo mundo, passava o café e ia buscar pão na padaria da esquina. Todos os dias comíamos juntos, café e pão com margarina. Por isso, eu não me sinto em casa, quando passo meu café pela manhã e ele não tem o mesmo sabor do que o que meu pai fazia.*

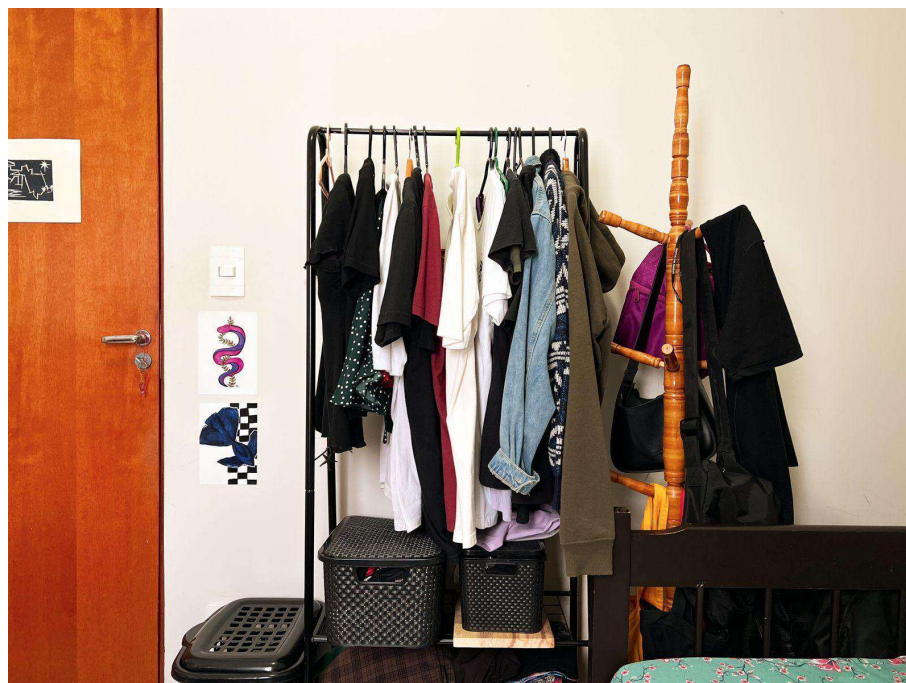


Figura 11 - Radigia Souza. Eu não me sinto em casa quando não tenho todas as minhas roupas no mesmo lugar. Uberlândia - MG, 2024.

*16 de dezembro, 22h56 - Costumava dividir o guarda-roupa com minhas irmãs, sonhava com o dia que poderíamos dividir também as roupas e triplicar as opções. Mas antes disso acontecer, eu parti, e elas também. Desde então, eu não me sinto em casa quando não tenho todas as minhas roupas no mesmo lugar.*

### 3.3 SÉRIE FOTOGRÁFICA: MÓVEIS

A série fotográfica *Móveis* retrata as mudanças que permearam meu quarto durante o período em que residi no apartamento 202. O quarto foi reconfigurado de diversas formas, e para isso tive diferentes motivações: o sol na janela; ciclos encerrados; necessidade de um fundo para reuniões de trabalho remotas; busca por mais espaço. Com isso, o mesmo lugar onde já estive a cama antes estive a mesa, a mesma mesa que já estive embaixo da janela e que agora se encontra ao lado, entre outros móveis que se movem de um canto ao outro do espaço.

Ao longo do tempo, fui adquirindo mais coisas, como mencionei anteriormente. Agora, as produções feitas na universidade se acumulam no chão, nas paredes ou em pastas esquecidas. Tenho roupas de “deixar aqui”, roupas de “deixar na casa dos meus pais” e roupas que viajam comigo. Uma cadeira nova de escritório, já que por alguns anos usei uma emprestada da mesa de jantar. Além da espada-de-são-jorge já citada, agora também tenho uma jiboia. E todos esses elementos fazem parte do quarto que construí para mim, e da minha própria construção. Como explica Emanuelle Coccia em *A filosofia da casa*:

“Morar não significa apenas estar cercado por qualquer coisa, nem ocupar determinada área no espaço terrestre. [...] Cada casa é uma realidade puramente moral: construímos casas para acolher intimamente o bocado de mundo - feito de coisas, pessoas, animais, plantas, atmosferas, eventos, imagens e lembranças - que torna a nossa felicidade possível.” (Coccia, 2024, p.14).

Iniciei essa produção a partir de alguns testes de composição, enquadramento e ângulos. Realizei algumas fotografias e, a partir delas, defini como seria a série: composta por 10 imagens capturadas do mesmo ângulo, mas com objetos em diferentes disposições e em diferentes horários. Embora tenha me proposto a registrar o quarto com fidelidade às suas diversas composições, visitando meu acervo pessoal onde pude encontrar alguns registros em diferentes momentos em que o habitei, também brinco com o tempo, numa tentativa de recordar as memórias do espaço que já se misturam entre o presente e o passado. Para mim, produzir a partir das lembranças de forma não linear, reconstruindo o ambiente não apenas



como era em determinada época, mas também com vestígios de outros elementos que não a pertencem, é justamente a dualidade que procuro expressar. Como, por exemplo: as marcas de fitas nas paredes, marcas dos móveis arrastados, dos sapatos que sujam a parede, não poderiam ser vistas se as fotografias tivessem sido realizadas cronologicamente.

Paralelamente à captação das fotografias, iniciei os testes de composição em vídeo<sup>6</sup>. Como a proposta é apresentar essas imagens em um monitor, passei a explorar possíveis transições entre elas, a presença (ou ausência) de som e a ordem de exibição, que, assim como o próprio processo, optei por não seguir uma sequência temporal linear. Cada imagem surge por 1,5s, seguida por cortes secos que apresentam a próxima imagem que compõe no mesmo espaço um ambiente totalmente diferente do anterior. O ciclo se repete em looping contínuo.

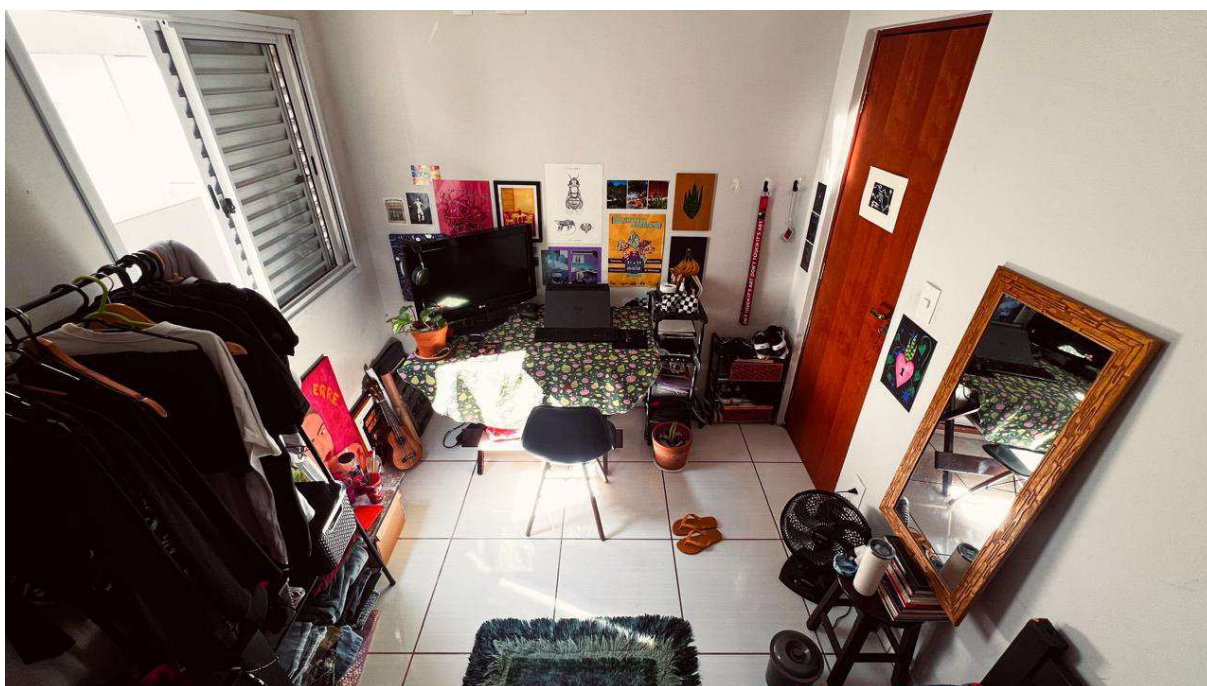


Figura 12 - Radigia Souza. *Móveis*. Uberlândia - MG, 2025.

---

<sup>6</sup> Bozada, Radigia. *Móveis*, 2025. Disponível em: <[https://youtu.be/\\_ufcHUGCMMU](https://youtu.be/_ufcHUGCMMU)>

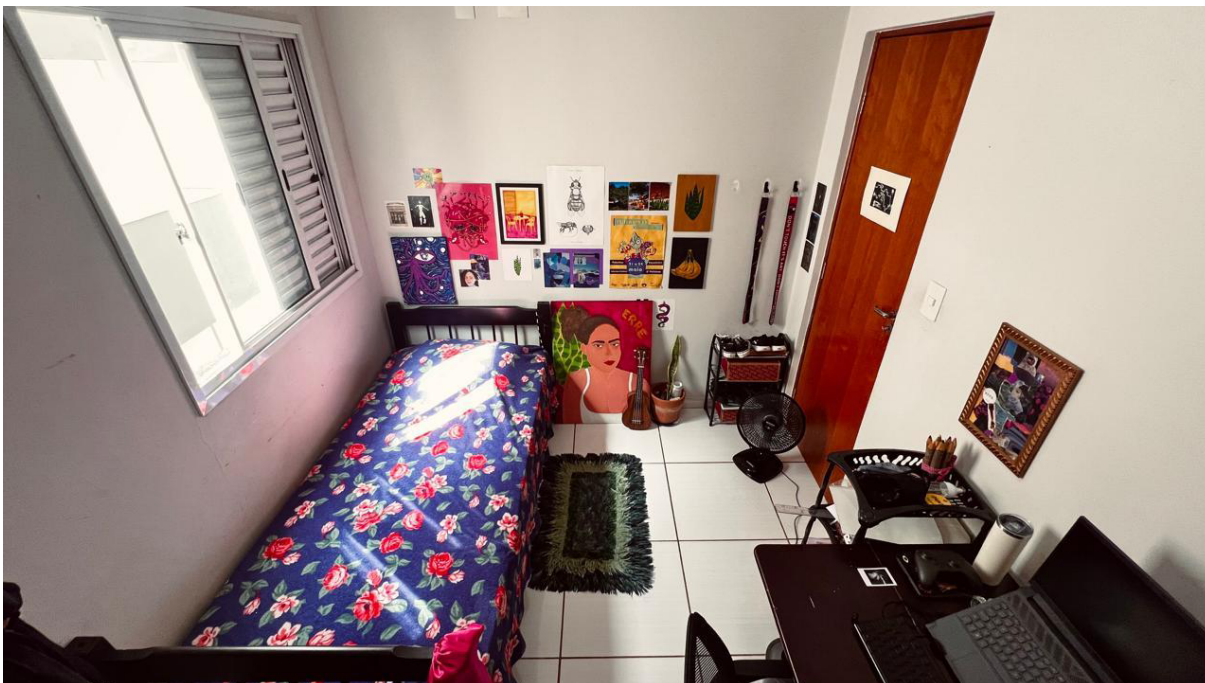


Figura 13 - Radigia Souza. *Móveis*. Uberlândia - MG, 2025.

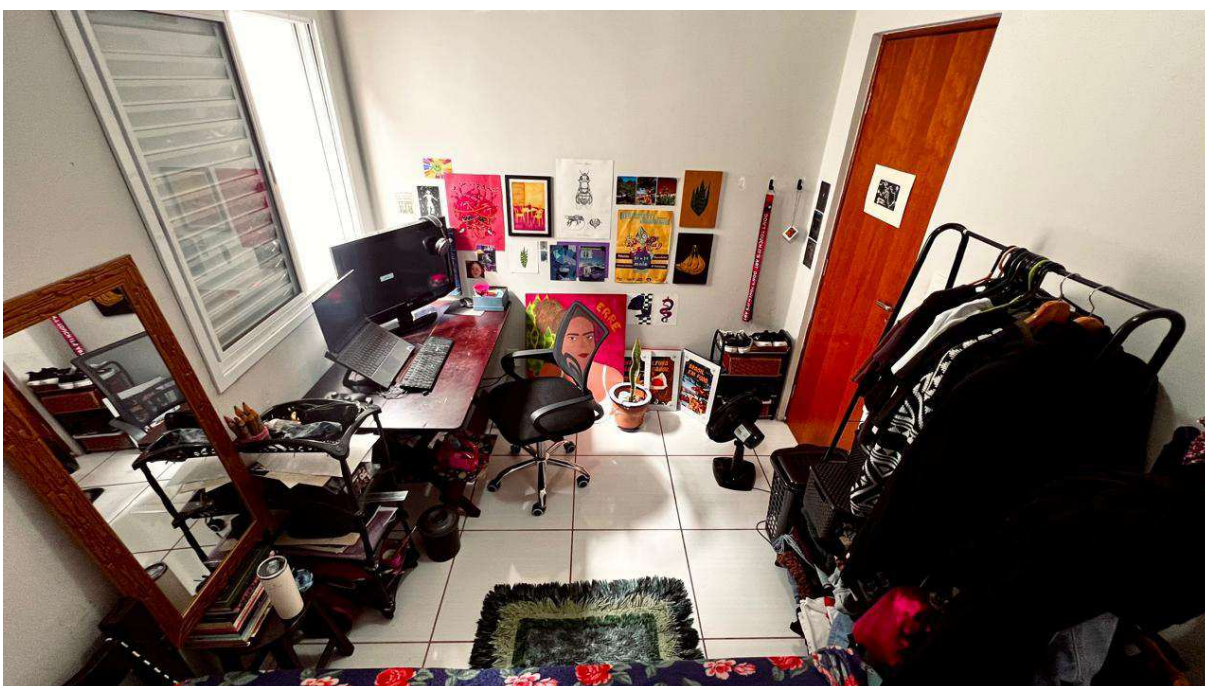


Figura 14 - Radigia Souza. *Móveis*. Uberlândia - MG, 2025.



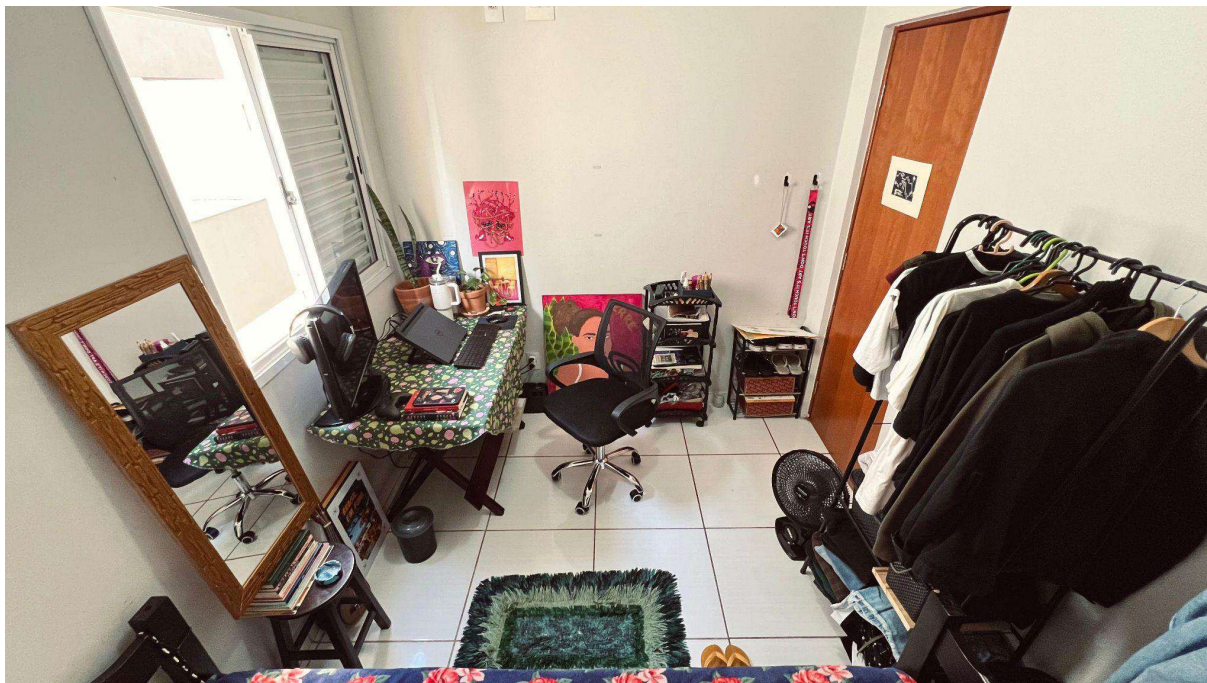


Figura 15 - Radigia Souza. *Móveis*. Uberlândia - MG, 2025.

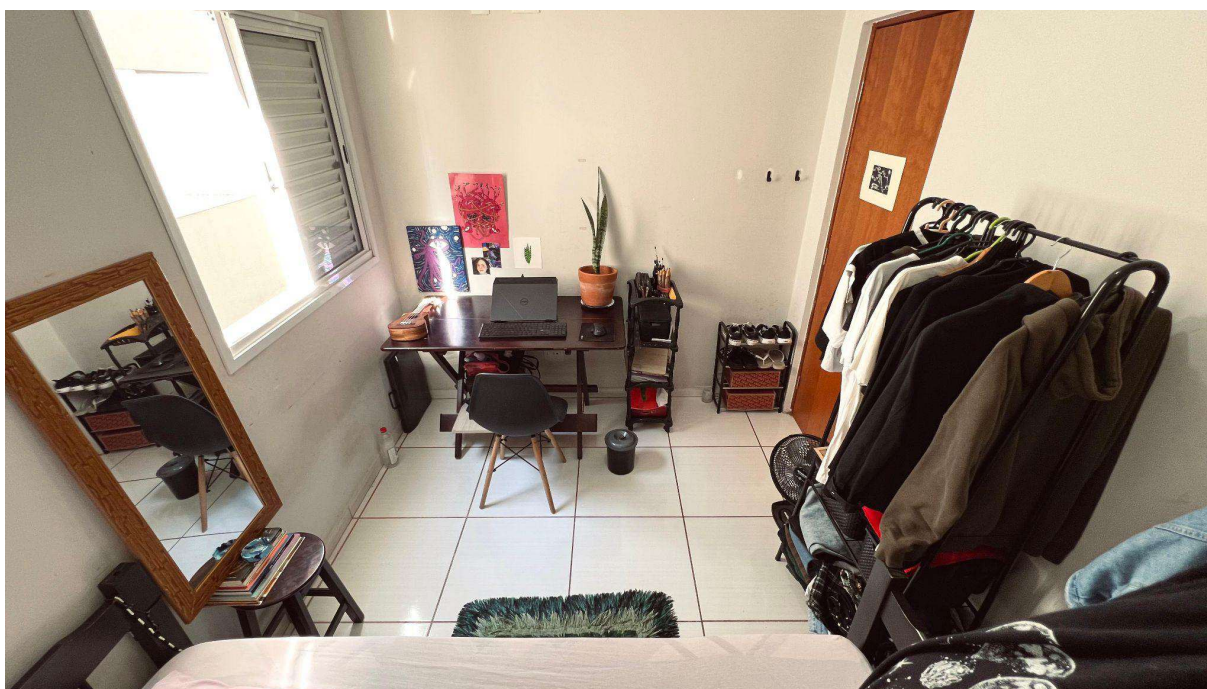


Figura 16 - Radigia Souza. *Móveis*. Uberlândia - MG, 2025.



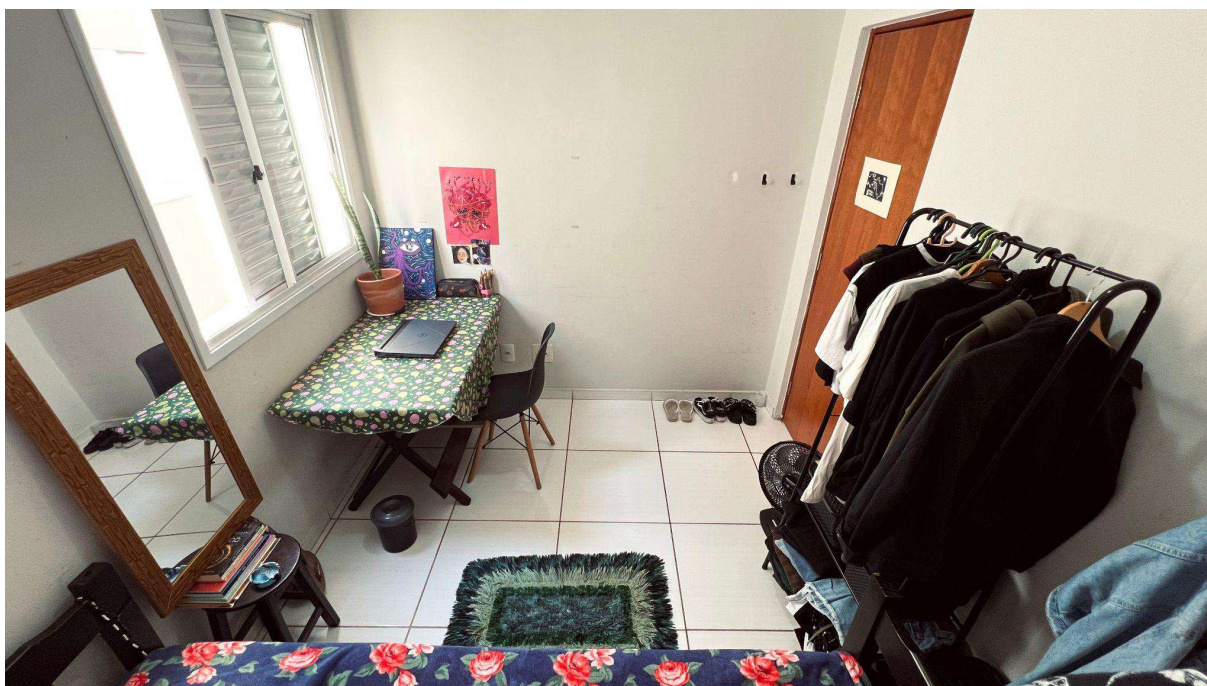


Figura 17 - Radigia Souza. *Móveis*. Uberlândia - MG, 2025.

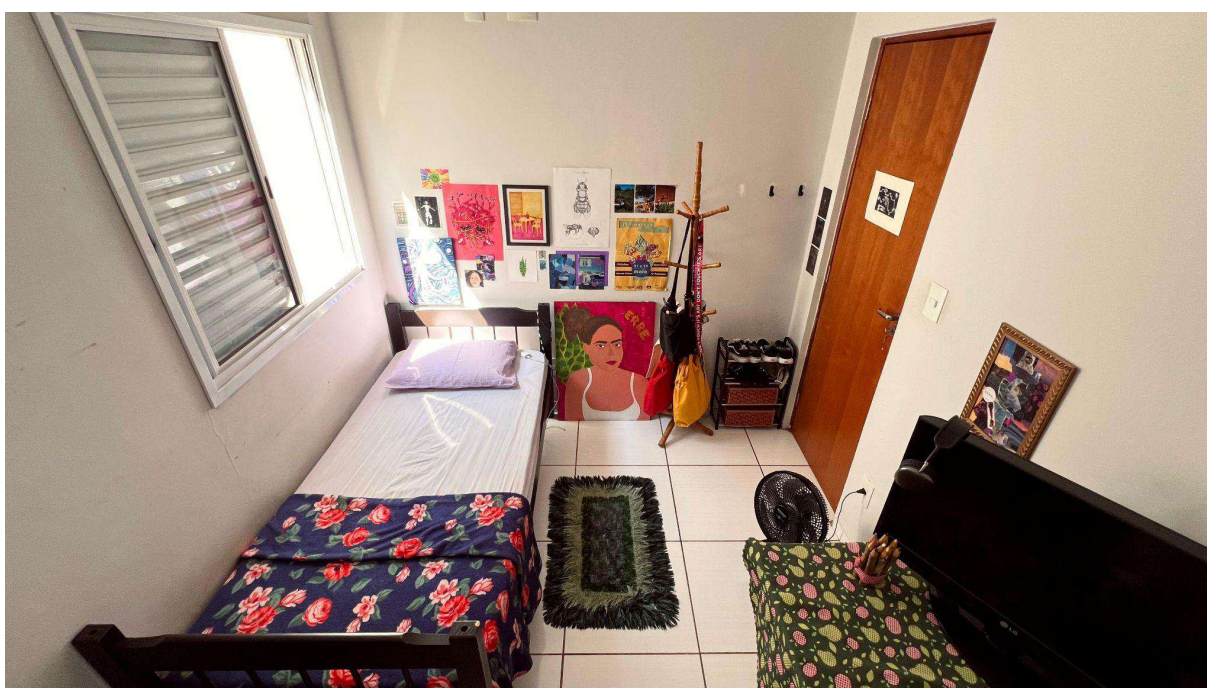


Figura 18 - Radigia Souza. *Móveis*. Uberlândia - MG, 2025.



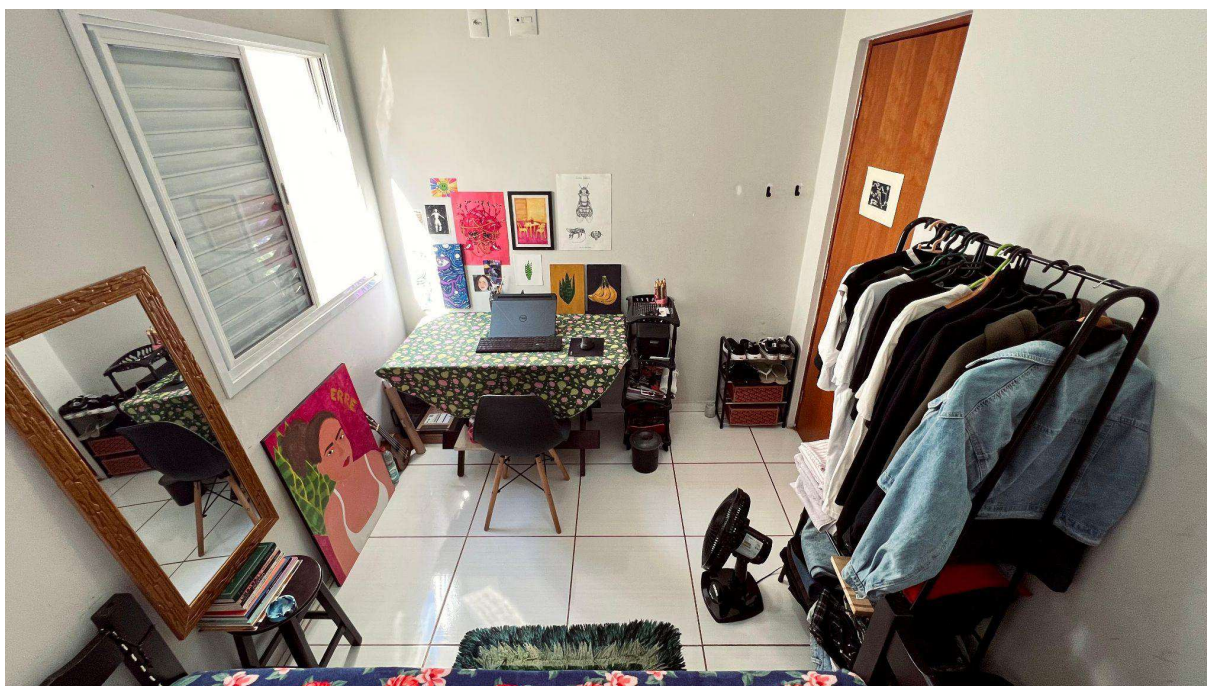


Figura 19 - Radigia Souza. *Móveis*. Uberlândia - MG, 2025.

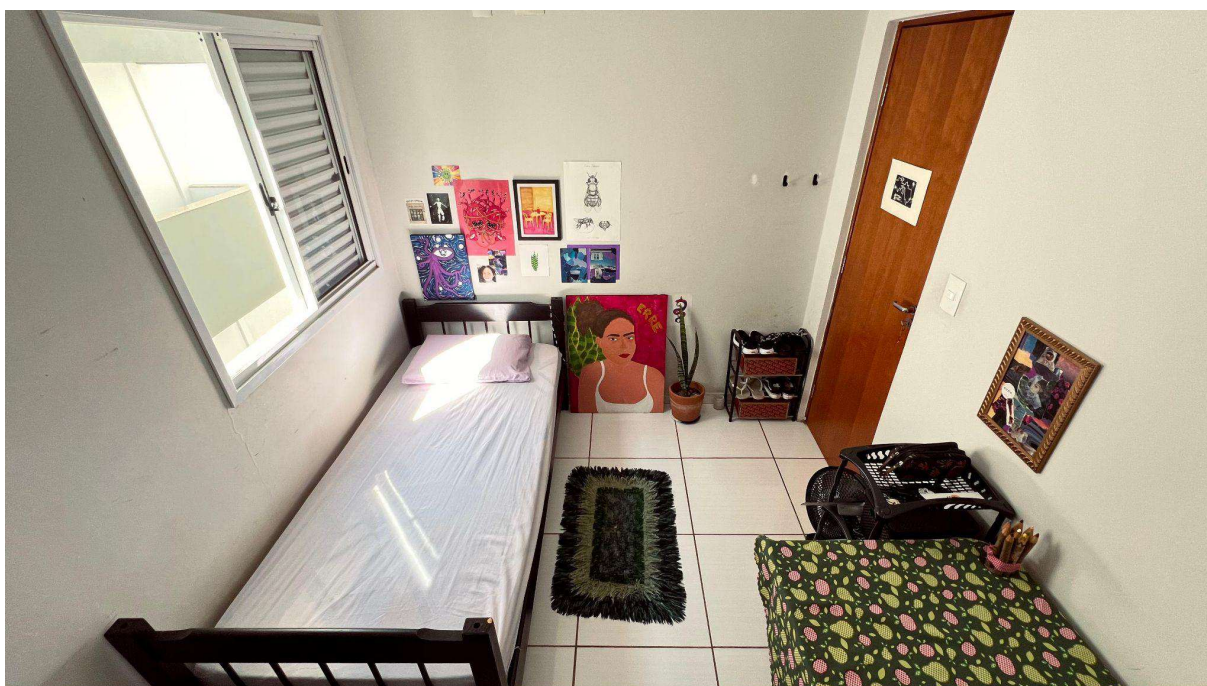


Figura 20 - Radigia Souza. *Móveis*. Uberlândia - MG, 2025.



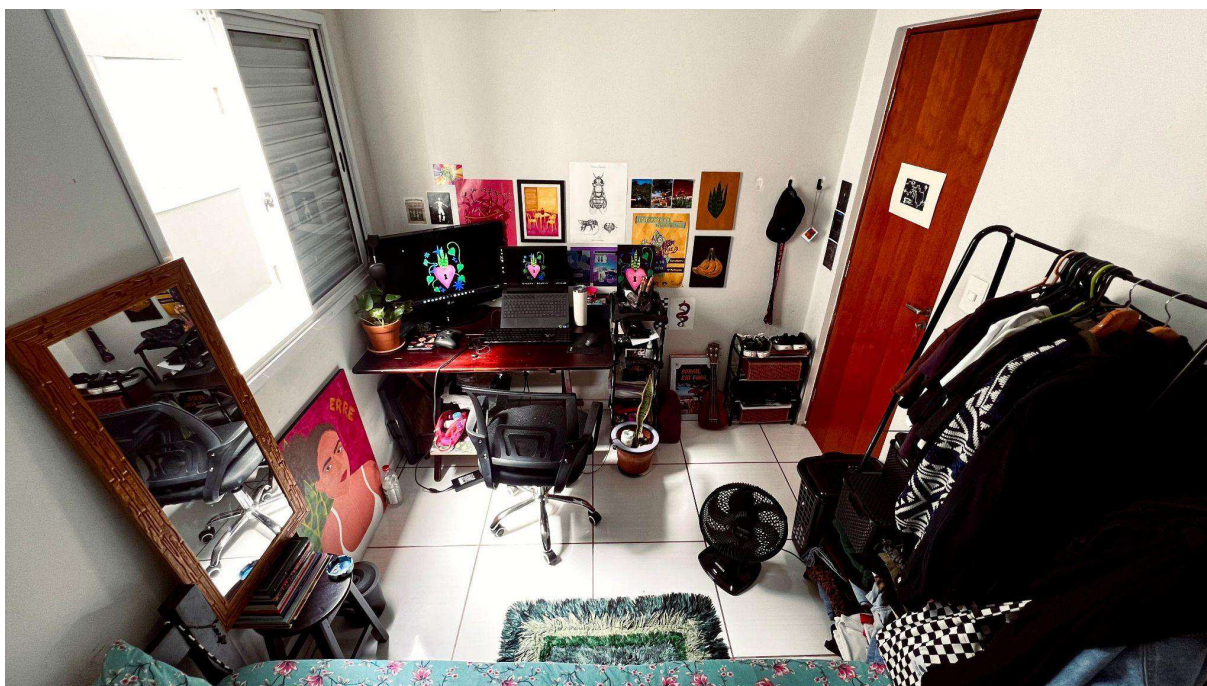


Figura 21 - Radigia Souza. *Móveis*. Uberlândia - MG, 2025.

### 3.4 VIDEOINSTALAÇÃO: RASTROS

No livro *Into the Light: The Projected Image in American Art* (2001), Chrissie Iles afirma que as imagens e vídeos projetados ampliam as possibilidades de pensar a representação e de transformar as relações entre a obra de arte e o espaço físico. Refletindo sobre essa afirmação e inspirada pela multilinguagem do filme e do livro *Viajo porque preciso, volto porque te amo* (2009), que constroem a narrativa por meio de vídeo, *frames*<sup>7</sup>, textos diagramados dinamicamente, sequências de imagens e composições que ocupam toda a página ou tela, passei a buscar formas de representar a casa dos meus pais utilizando um conjunto de linguagens reunidas em uma instalação.

Inicialmente, experimentei criar uma sequência de pequenos vídeos de diferentes partes da casa, registrando movimentos sutis: a janela com as plantas do lado de fora se movendo com o vento; um tecido pendurado no varal que parecia dançar; e, por fim, um balanço de teto na varanda que oscilava levemente, quase como se alguém acabasse de ter estado ali. Apesar dos meus esforços para fazer com que as cenas se encaixassem entre si, percebi que cada uma funcionava muito melhor isoladamente, como fragmentos autônomos de memória e presença. Em especial, a última cena: o movimento do balanço na varanda, me levou a pensar sobre o tempo, a função do objeto e sobre como o rastro do habitar se fazia

<sup>7</sup> Cada frame de um vídeo é, essencialmente, uma imagem estática — uma fotografia — que, quando exibida em sequência, cria a ilusão de movimento." (Manovich, 2001).

presente nela. De forma semelhante aos momentos que vivi nesse espaço, como se fosse possível parar o tempo para revivê-los, para habitá-los novamente. Mas, na verdade, essas lembranças são exatamente isso: rastros.

Pensando nisso, extraí um frame de cada vídeo, que foram impressos em tecidos. A proposta foi criar uma videoinstalação em que as três cenas sejam projetadas, em vídeo<sup>8</sup>, sobre os respectivos tecidos. A intenção é que, em determinado momento da projeção, a imagem em movimento se alinhe com a imagem estática impressa, criando uma sobreposição entre o tempo congelado e o tempo em fluxo. A escolha desse suporte materializa o movimento, ampliando a percepção do rastro deixado por sua oscilação.



Figura 15 - Radigia Souza. *O balanço*. Santa Bárbara D'Oeste - SP, 2025.

---

<sup>8</sup> Bozada, Radigia. *O balanço*. YouTube, 2025. Disponível em <[https://youtu.be/1HQ\\_m675FLg](https://youtu.be/1HQ_m675FLg)>  
Bozada, Radigia. *A janela*. YouTube, 2025. Disponível em <<https://youtu.be/GAjQLOWhbvg>>  
Bozada, Radigia. *O varal*. YouTube, 2025. Disponível em <<https://youtu.be/og3sS8TFv1w>>



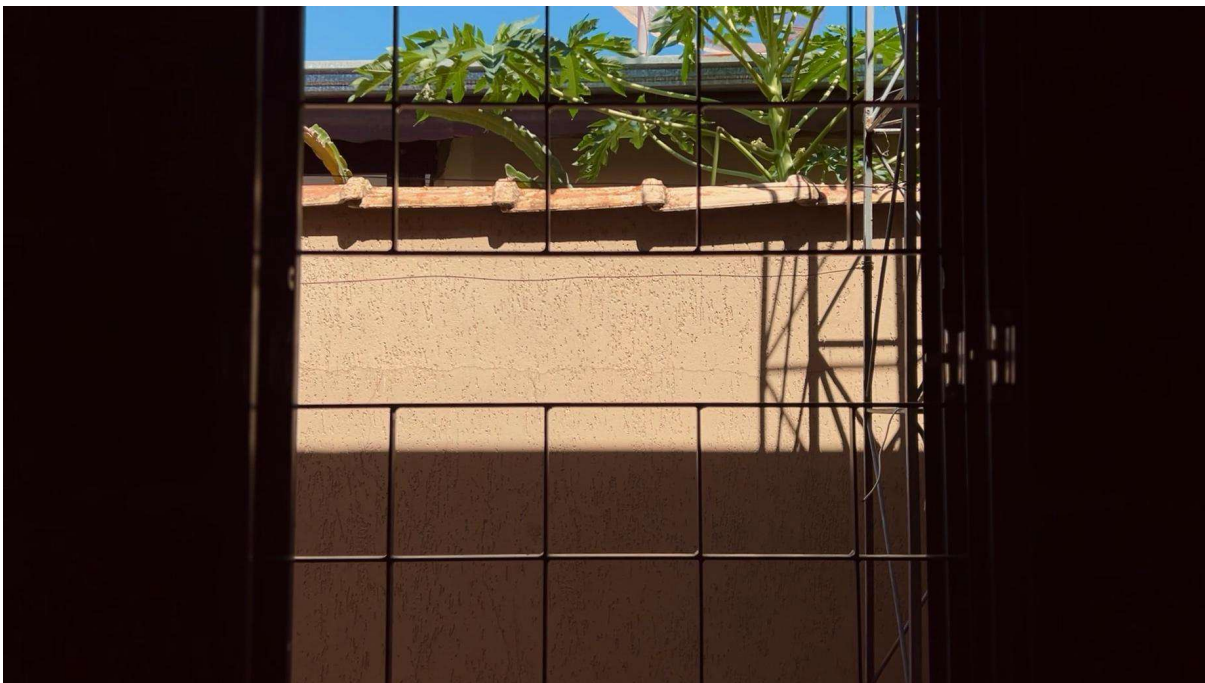


Figura 16 - Radigia Souza. *A janela*. Santa Bárbara D'Oeste - SP, 2025.



Figura 17 - Radigia Souza. *O varal*. Santa Bárbara D'Oeste - SP, 2025.

O processo de materialização dessa produção se constituiu de algumas escolhas poéticas, partindo da premissa de ter tecidos de tom amarelado, como as páginas do fotolivro, como suporte da videoinstalação. Além disso, a necessidade de ter dimensões amplas, a fim de estabelecer uma relação com as paredes da casa. Com isso estabelecido, pesquisei diversas formas de impressão e iniciei os testes.

Ainda no início desse processo, recorri à impressão em tecido poliéster, na dimensão de 100x50cm. Como a ideia era experimentar o material, optei por realizar o teste em tamanho menor do que o pretendido para a exposição. O resultado não foi como o esperado: o tecido é um tanto rígido e reluzente, características que dificultariam a projeção do vídeo, além de não ter o tom amarelado previamente estabelecido.

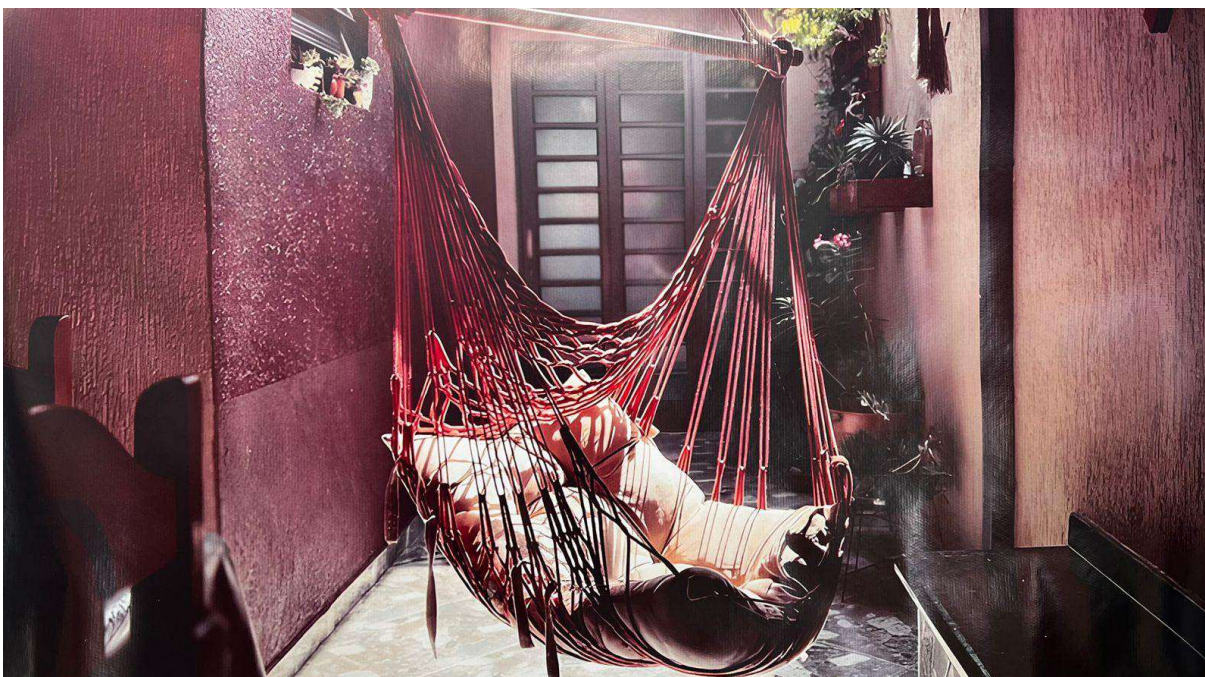


Figura 18 - Teste de impressão 1.

O segundo teste de impressão foi realizado em tecido Oxford, no formato 50x70 cm e gramatura de 178 g/m<sup>2</sup>. Esse material demonstrou-se mais fluido em comparação aos anteriores, o que contribui para que não permaneça estático na exposição. Ao contrário, ele reage ao movimento do público, criando uma interação dinâmica que reforça o jogo entre a imagem estática, a projeção e o movimento. Embora o tecido não possua o tom amarelado desejado, ele é capaz de absorver essa tonalidade diretamente da própria imagem impressa, o que reforça a unidade visual da proposta. Sendo assim, foi o material escolhido como suporte da videoinstalação.





Figura 19 - Teste de impressão 2.



## CAPÍTULO 4 - EXPOSIÇÃO E EXPOGRAFIA

A exposição temporária *Eu não me sinto em casa* ocorreu no Laboratório Galeria, sala 218, do Bloco II da Universidade Federal de Uberlândia, Campus Santa Mônica. A abertura aconteceu no dia 8 de setembro de 2025, às 18h e ficou aberta para visitação até o dia 12 de setembro de 2025.

Este trabalho foi dividido em duas etapas. No Trabalho de Conclusão de Curso I, desenvolvi ideias pré-existentes, explorei possibilidades e elaborei a parte escrita do projeto. Já no Trabalho de Conclusão de Curso II, produzi a videoinstalação *Rastros* e a série fotográfica *Móveis*. Além disso, fez também parte desta etapa a criação da expografia e a realização da exposição do conjunto de trabalhos intitulada *Eu não me sinto em casa*.

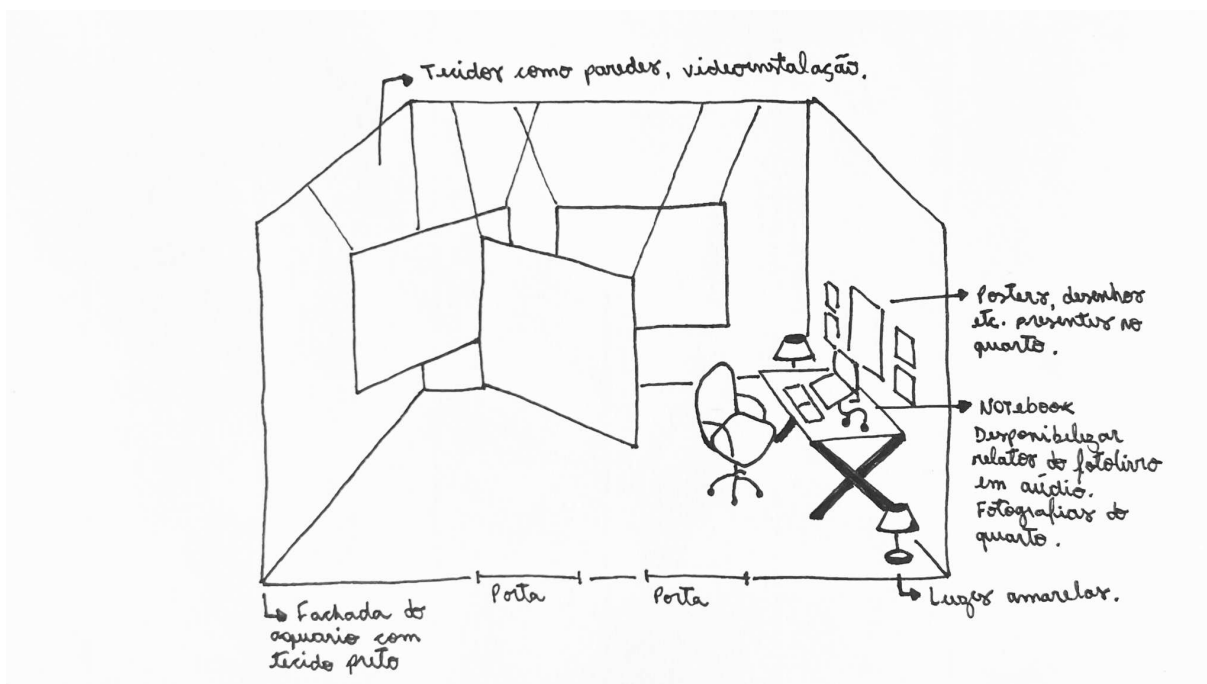


Figura 20 - Rascunho de planejamento da exposição.

Para o planejamento da exposição, foi necessário iniciar com a criação de um rascunho da perspectiva do espaço que organizava a disposição das obras e objetos, além de reunir ideias e anotações sobre detalhes e materiais. Embora sem as medidas em escala, esse esboço permitiu visualizar a proposta expográfica de forma mais concreta e listar os itens e recursos necessários para sua realização. Esse processo também contribuiu para antecipar desafios, e pensar a relação entre os trabalhos e o espaço expositivo.

A montagem da exposição contou com a ajuda da minha família: meus pais, Eva e José Carlos; minha irmã Raissa; meu cunhado Rodrigo; e meu companheiro Gabriel; o que

tornou esse momento muito significativo para mim. Começamos organizando todos os objetos dentro do Laboratório Galeria e, em seguida, defini a logística da montagem. Decidi iniciar pela videoinstalação *Rastros*, pendurando os tecidos antes de posicionar a imagem dos projetores. Para isso, utilizei os furos com ganchos já presentes no teto e fios de nylon para suspender os tecidos. Em seguida, posicionei os suportes de madeira para os projetores e alinhei os vídeos aos respectivos tecidos. Finalizei essa etapa instalando as extensões necessárias para manter os projetores ligados, fixando-as no chão com fita adesiva.

Em seguida, dispus alguns objetos para simular o meu quarto dentro da galeria. Comecei definindo a posição da mesa e a partir disso sobre a mesa, o fotolivro *Eu não me sinto em casa*, acompanhado das fotografias da série *Móveis*, exibidos na televisão e no notebook, em looping, alternando entre si. Na parede atrás dos dispositivos, instalei alguns dos mesmos itens presentes nas fotografias do quarto: cartaz, colagem, pinturas e ilustrações. Para a iluminação do espaço, foram retiradas as lâmpadas originais internas e externas e utilizado um bastão de LED com luz amarela, localizado também atrás da televisão, trazendo assim o conforto de um quarto, além de remeter as produções.

Por vezes, tentei criar algum tipo de som para compor a exposição. Cheguei a experimentar brevemente a captação dos ruídos da casa, a porta se fechando, a janela se abrindo, o ventilador ligado. No entanto, por fim, optei pelo silêncio: o mesmo que me acompanhou no quarto, nas viagens de ônibus, no descansar do balanço. Expandindo assim, essa ausência também para o espaço expositivo.

A expografia também contou com a fachada transparente do Laboratório Galeria, utilizado para fixar o título da exposição e três frases que retomam o jogo de palavras presente nos relatos do fotolivro. Nesta instalação, porém, elas estabelecem uma nova camada de sentido, relacionando-se diretamente com o conjunto das obras e seus títulos respectivamente:

*Eu não me sinto em casa quando tudo o que sinto é a ausência.*

*Eu não me sinto em casa quando tudo o que vejo são rastros.*

*Eu não me sinto em casa quando tudo o que desejo é permanecer imóvel.*

Durante o processo de montagem, alguns desafios se apresentaram, sobretudo no uso dos dispositivos. Inicialmente, a proposta era utilizar apenas a televisão na exposição; entretanto, sua entrada USB é destinada apenas à manutenção, impossibilitando a transmissão direta de arquivos a partir de um pendrive. Isso levou à necessidade de incluir também o notebook, conectado por cabo HDMI. A partir dessa solução, optei por incorporar a segunda tela e exibir, em alternância, as fotografias da série Móveis em ambos os aparelhos. Ainda nesse aspecto, um dos projetores não reconheceu o formato do arquivo previamente preparado para as projeções, exigindo a realização de testes com diferentes conversores até que funcionasse adequadamente.

A abertura da exposição foi a primeira ocasião em que todos os equipamentos permaneceram em funcionamento por horas ininterruptas. Nesse momento, surgiu uma tela de erro nas fotografias exibidas no notebook, problema solucionado com o ajuste no tempo de duração do arquivo. Outra dificuldade esteve relacionada aos horários de visitação: foi necessário que eu permanecesse presente durante todo o período de abertura para garantir tanto o bom funcionamento dos dispositivos quanto a segurança das obras. Por esse motivo, a exposição ocorreu diariamente, porém em horários regulados, o que acabou restringindo o acesso do público em determinados momentos.



Figura 21 - Radígia Souza. Flyer exposição “Eu não me sinto em casa”, fotografia e arte digital. Uberlândia, 2025.





Figura 22 - Exposição “Eu não me sinto em casa” no Laboratório Galeria. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 23 - Exposição “Eu não me sinto em casa” no Laboratório Galeria. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 24 - Exposição “Eu não me sinto em casa” no Laboratório Galeria. Fonte: Arquivo pessoal.





Figura 25 - Exposição “Eu não me sinto em casa” no Laboratório Galeria. Fonte: Arquivo pessoal.

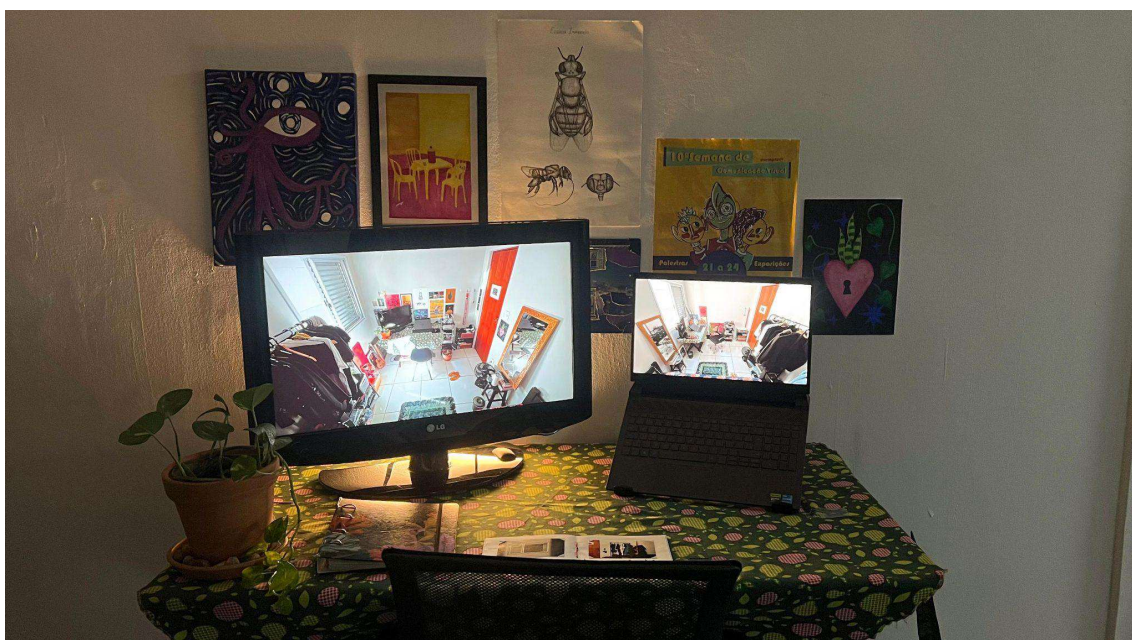


Figura 26 - Exposição “Eu não me sinto em casa” no Laboratório Galeria. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 27 - Exposição “Eu não me sinto em casa” no Laboratório Galeria. Fonte: Arquivo pessoal.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver as produções: o fotolivro *Eu não me sinto em casa*, a série *Móveis*, a instalação *Rastros* e, posteriormente, apresentá-las ao público em uma exposição foi um processo fluido, desafiador e imensamente prazeroso. Neste trabalho pude olhar com atenção para espaços onde por muito tempo não me sentia em casa, e registrá-los com o olhar de quem passou a compreendê-los. Me fazendo perceber que me mover não era um problema, que, na verdade, talvez até seja algo inato a mim. O estar em movimento e o se estabelecer fixo podem acontecer em sincronia.

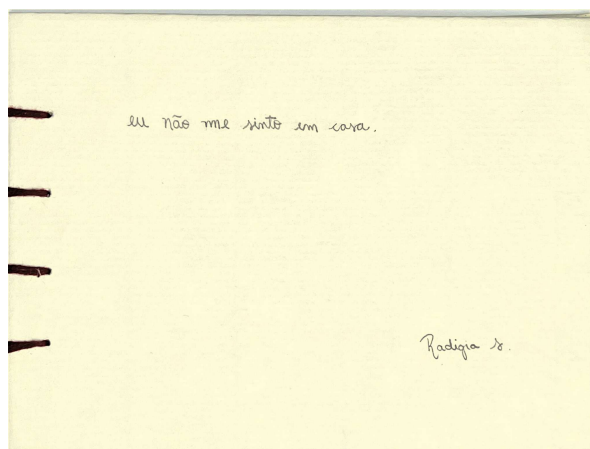
Em um processo simultâneo de pesquisa e criação, durante o Trabalho de Conclusão de Curso, conheci artistas e obras que conversavam com meus desejos e outros que não tinham tanto em comum. Experimentei capturar movimento com a fotografia, projetar a ausência, relatar a falta. Todos intimamente ligados entre si. Enquanto algo surgia do fotolivro, logo respingava nas fotografias do quarto e então criavam-se outras relações entre ele e a casa dos meus pais.

Encerrar esse ciclo da minha vida com a mudança de volta para a cidade de onde vim, mas dessa vez em busca de construir minha própria casa (de forma simbólica, ou não), é muito significativo para mim. Qual será a nova disposição dos móveis? O que vou colocar nas paredes? Talvez os tecidos apareçam por lá, seja onde for. Anseio pelo dia que terei todas as minhas roupas e coisas no mesmo lugar. Pelo dia que vou me sentir não em casa, mas ter um pouco mais de mim, nela.

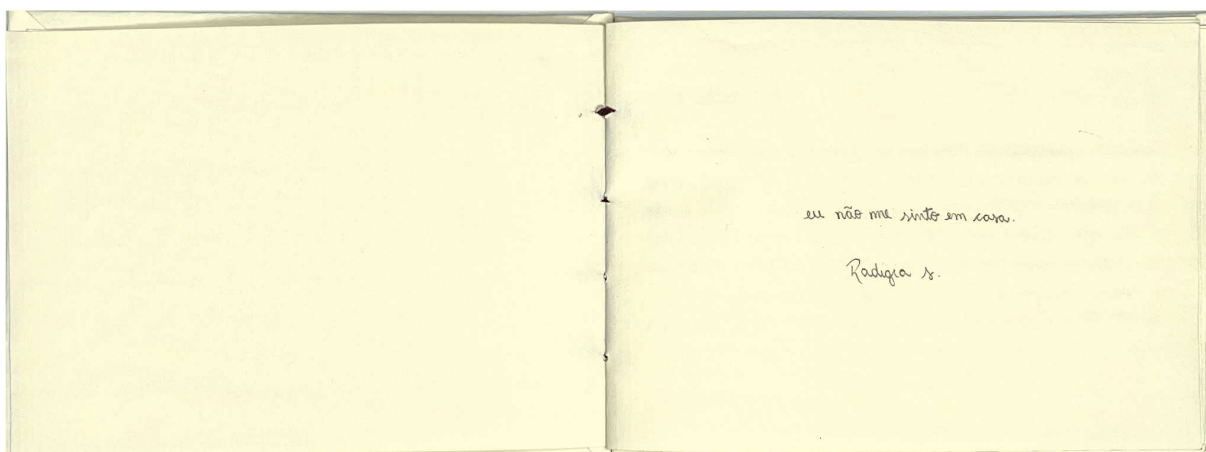
## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Augé, Marc. *Não-lugares: Espaços do Mundo Moderno*. São Paulo: Papirus, 1994.
- Bachelard, G. A. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- Bar, Ilana. *Transparências de Lar*. Série fotográfica. Brasil, 2012.
- Barthes, Roland. *A Câmara Clara: Nota sobre a Fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- Bordwell, David; Thompson, Kristin. *A Arte do Cinema: Uma Introdução*. 10. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2013.
- Bozada, Radigia. *Lar*. YouTube, 2023. Disponível em: <<https://youtu.be/QY6vF0wgYOY>>.
- Chrissie, Iles. *Into the Light: The Projected Image in American Art, 1964-1977*. New York: Whitney Museum of Modern Art, 2001.
- Coccia, Emanuele. *A filosofia da casa: o espaço doméstico e a felicidade*. Tradução de Federico Carotti. Rio de Janeiro: Dantes, 2024.
- Gîrbovan, Bogdan. *10/1*. Série fotográfica. Bucareste, Romênia, 2008.
- Gomes, Marcelo; Aïnouz, Karim. *Viajo porque preciso, volto porque te amo*. Longa-metragem. São Paulo: Vitrine Filmes, 2009.
- Gomes, Marcelo; Aïnouz, Karim. *Viajo porque preciso, volto porque te amo*. São Paulo: Editora Sesc, 2015.
- Lampert, Letícia. *Manual Prático de Arquitetura*. Livro de artista. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2012.
- Manovich, Lev. *The language of new media*. Cambridge: MIT Press, 2001.
- Marker, Chris. *La Jetée*. Média-metragem. França: Agnès B. Productions, 1962.
- Muylaert, Anna. *O Nosso Pai*. Curta-metragem. São Paulo: Vitrine Filmes, 2022.
- Perec, Georges. *Espécies de Espaços*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- Pereira, M. A.; Nunes, A. *A Casa, o Corpo, o Eu: Um Registro de 'Brincar de Casinha'*. *Boletim de Psicologia*, 39 (90/91): 55-58, 1989.

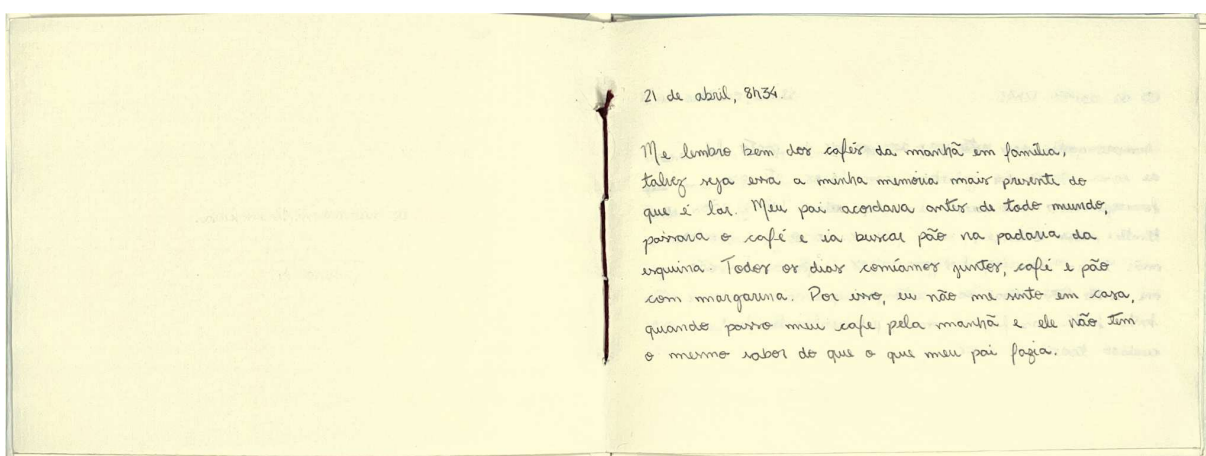
## ANEXO



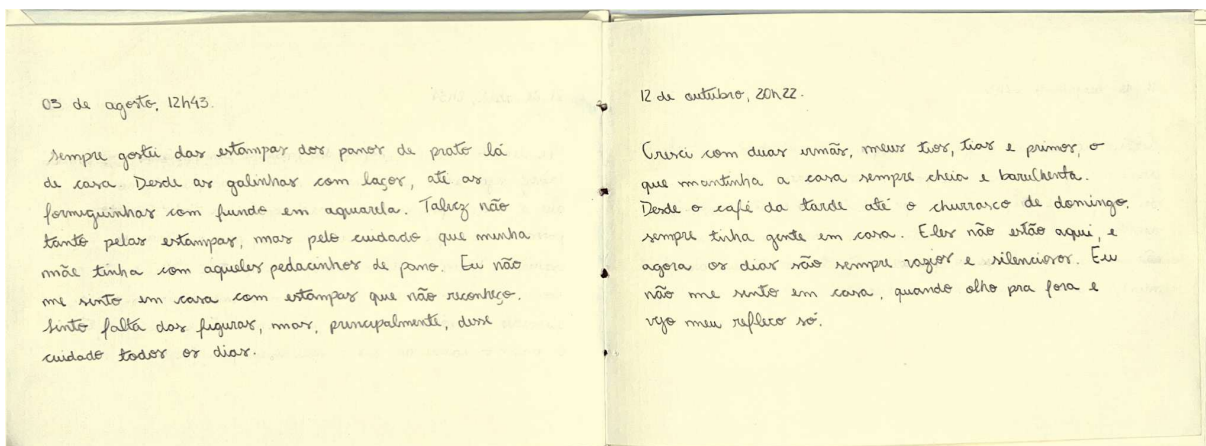
Radígia Souza. Eu não me sinto em casa. Capa. Uberlândia - MG, 2024.



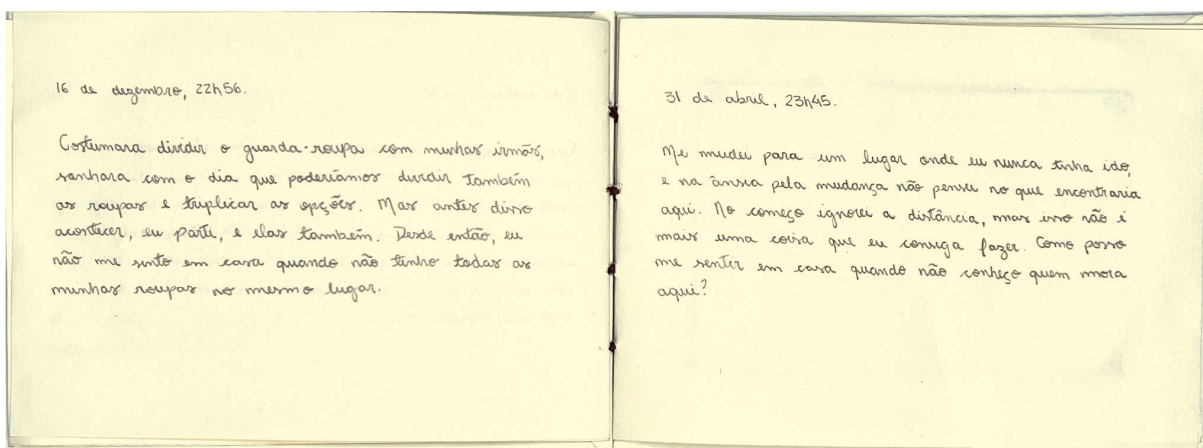
Radígia Souza. Eu não me sinto em casa. Folha de rosto. Uberlândia - MG, 2024.



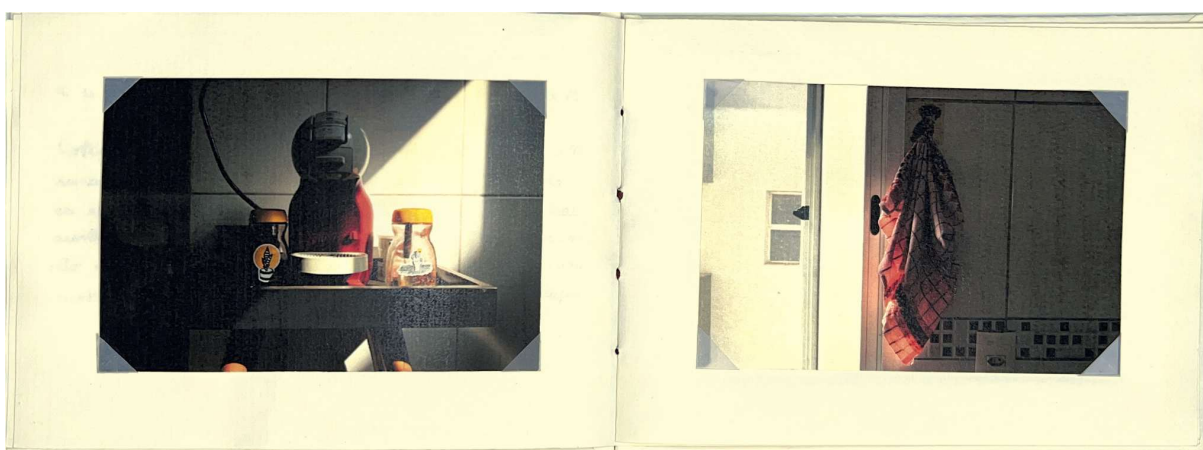
Radígia Souza. Eu não me sinto em casa. p.1. Uberlândia - MG, 2024.



Radigia Souza. Eu não me sinto em casa. p.2-3. Uberlândia - MG, 2024.



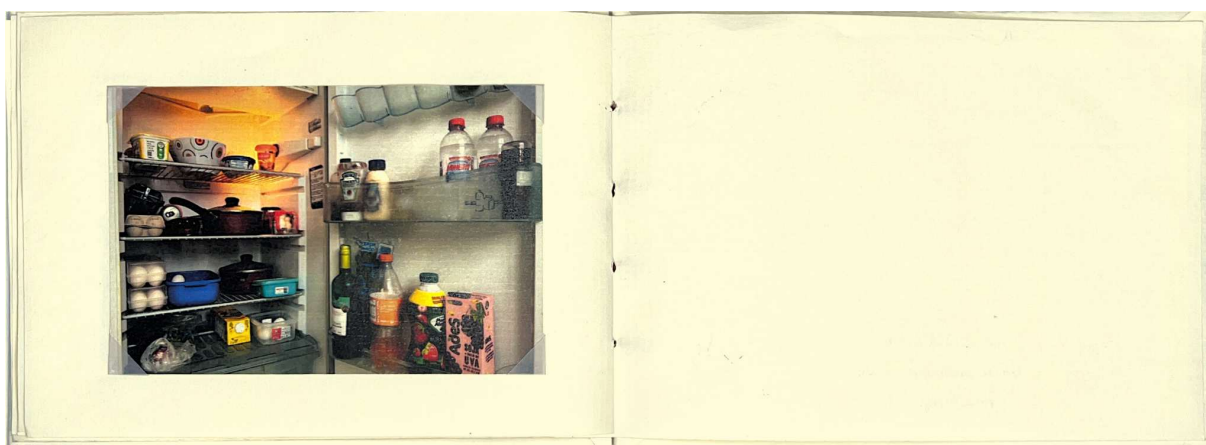
Radigia Souza. Eu não me sinto em casa. p.4-5. Uberlândia - MG, 2024.



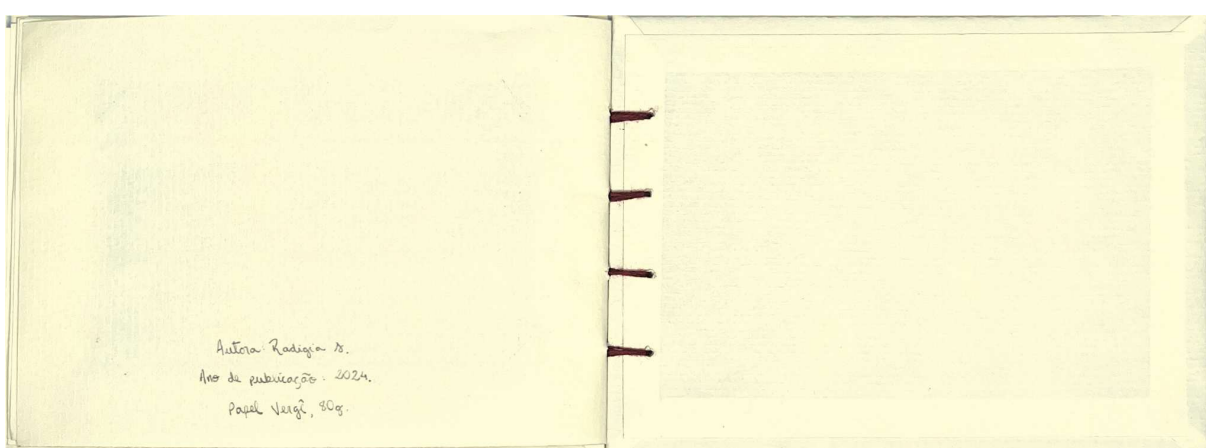
Radigia Souza. Eu não me sinto em casa. p.6-7. Uberlândia - MG, 2024.



Radigia Souza. Eu não me sinto em casa. p.8-9. Uberlândia - MG, 2024.



Radigia Souza. Eu não me sinto em casa. p.10-11. Uberlândia - MG, 2024.



Radigia Souza. Eu não me sinto em casa. p.12. Uberlândia - MG, 2024.